

D. Noémia de Jesus e Jesus Barão

VOZ DA GRAÇA

3270 P. Grande
Portugal
TAXA PAGA

NODEIRINHO (3270 Pedrógão Grande)

Propriedade da Fábrica da Igreja Paroquial da Graça

(Depósito Legal n. 236/82)

MENSÁRIO — (AVENÇA)

ANO XXXII — 382
15 de Agosto de 1994

Director e Fundador — P.º ANÍBAL HENRIQUES COELHO
Director-Adjunto — JOÃO CARVALHO ROSA (João Viola)

Composição e impressão:
Gráfica Almondina — Torres Novas
Telefone 812499

Telefone: 036 — 50155

Portagem a pontapé

Artur Custódio

Quando o professor Oliveira Salazar participava, no 6 de Agosto de 1966, na inauguração da ponte sobre o Tejo em Lisboa, saboreando o culminar de um desejo que durante muitos anos fez parte do universo das suas preocupações, certamente que o antigo catedrático da Faculdade de Direito da Universidade de Coimbra nunca imaginou que ela se transformaria alguma vez num campo de feroz batalha onde a sardinha assada e boa pinga alimentassem exaltados espíritos guerreiros.

A confusão foi total e ninguém arredava pé. Jovens e idosos queriam ser actores desta novela à portuguesa. Era uma boa maneira de aparecerem na televisão sem pagar publicidade.

Nos últimos dias, as zonas de Lisboa e Almada estiveram em estado de guerra por causa dum abusiva decisão governamental. Os órgãos de informação, principalmente os televisivos, têm dado ao caso destaque de dimensão nacional e não têm falado doutra coisa. Qualquer outro acontecimento é abafado e facilmente neutralizado ante a evolução dos acontecimentos. O governo diz que não recua mas, face à gravidade da situação, faz marcha atrás. Os ânimos tendem a acalmar. Porém, alguns azedumes mais desconfiados mantêm-se alerta a ver onde parará as futuras modas.

Não é novidade para ninguém. O aumento de 50% do preço da portagem da ponte 25 de Abril veio incendiar os ânimos na zona da capital. Pesados camiões e um sem-número de automóveis ligeiros bloquearam uma das mais importantes entradas e saídas de Lisboa. Confrontado com o problema, o governo procura reestabelecer a ordem fazendo avançar as forças de intervenção que, como é habitual nestas circunstâncias, fizeram os cumprimentos da praxe, distribuindo alguns «bombs» recheados de bordoada. Detenções e ferimentos foi o balanço da festa que teve nas buzinas dos automóveis excelente banda de música.

Os acontecimentos da ponte alfacinha deverão mostrar à classe política governante e não só, que, quando se pretende pôr em prática uma medida que vai mexer nos bolsos dos portugueses é necessário pensá-la e repensá-la. Uma ingénuia imprudência pode lançar o feitiço contra o feiticeiro e fazer com que as entradas de leão tenham saídas de sendeiro, como parece ser o caso presente. Aumentar os vencimentos, públicos e privados, em 2 ou 3 por cento (alguns nem isso) e querer depois um aumento de 50% na portagem dum ponte é coisa que nem nas profundezas infernais lembraria a satanás que, como é óbvio, se deve ter fartado de rir com a comédia.

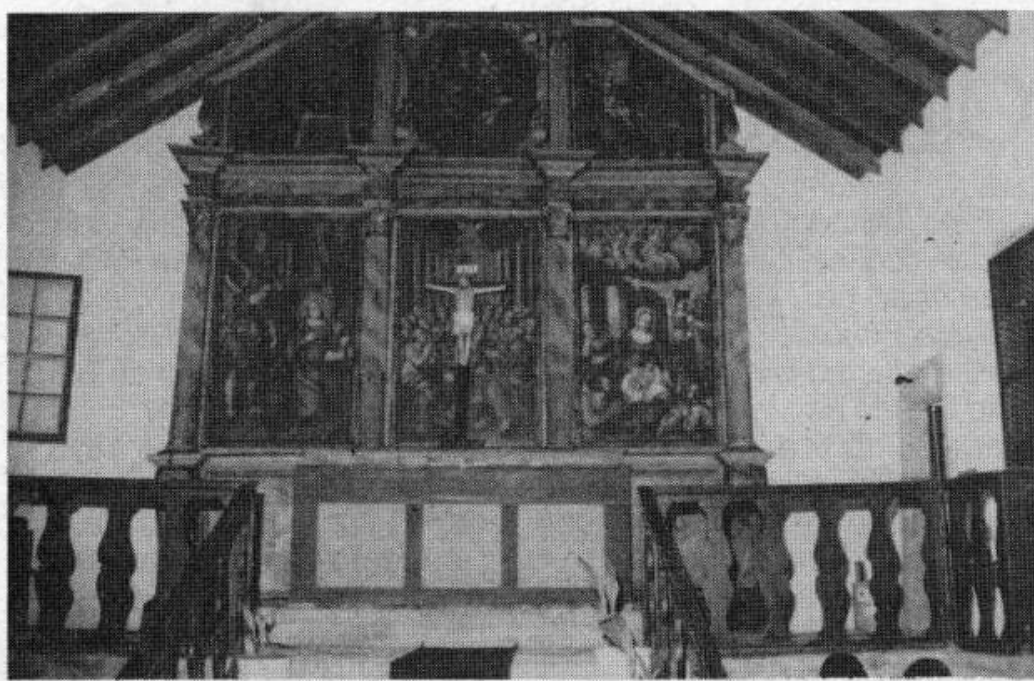
Os responsáveis governamentais podem inventar mil e uma justificações, contudo, jamais se livrarão dum ridículo que, pelo seu volume, bem pode causar algumas diarreias internas.

Ferreira do Amaral reanalisou a situação e voltou atrás. Sujeita-se a algumas críticas pela sua atitude de aparente franqueza. Todavia deu o braço a torcer, coisa rara nas nossas cores políticas. Demonstrou algum bom senso. O pior é que já havia muito mal feito e poderia ter sido evitado, se a serenidade, na altura própria, não estivesse a prestar contas ao primeiro sonho.

E foi pena!...

De «O Correio de Coimbra»

O Retábulo da Misericórdia foi repostado no seu lugar



A Igreja da Misericórdia de Pedrógão Grande, monumento considerado de interesse público, foi construído no ano de 1470, segundo elementos históricos que temos consultado e, o respectivo Retábulo

é uma obra que justifica um relevo especial por se tratar dum trabalho artístico da autoria do pintor Álvaro Nogueira (Século XVI-XVII).

Este Retábulo da Igreja da Misericórdia, de estilo maneirista e bas-

tante raro, contempla a vida de Cristo: a Anunciação, a Visitação, o Nascimento de Jesus Cristo, Circuncisão e Adoração dos Reis Magos.

Para efeito de restauro foi retirado do respectivo local e confiado ao Instituto José Figueiredo, tendo sido repostado no seu lugar há pouco dias.

As obras de restauro como a sua colocação no altar-mor da Igreja da Misericórdia foi uma tarefa difícil que o actual elenco directivo da Santa Casa da Misericórdia enfrentou, não só carência de meios técnicos como financeiros; só com a colocação do Retábulo a Misericórdia custeou mais de quatrocentos contos, embora para isso tivesse arrecadado uma comparticipação da Câmara Municipal no valor de 175 contos.

O «Voz da Graça» dispensou ao retábulo da Misericórdia a atenção que sempre lhe mereceram os ca-

(Continua na pág. 3)

Auto histórico da bênção da Capela do Fato

A 28 de Abril de 1852, na freguesia de Ajuda, e Capela do Anjo da Guarda, lugar do Fato, esteve presente, o muito reverendíssimo Arcipreste de Alvalá e Pároco de Castanheira de Pera, o Doutor José da Encarnação Coelho, Lente de Teologia na Universidade de Coimbra. Na qualidade de Delegado do Ex.º Sr. Bispo de Coimbra, e Conde de Arganil, Dr. Manuel Bento Rodrigues, vestoriou e benzeu a dita capela que achou suficientemente decente. Em seguida, o Pároco de Ajuda, P.º Manuel Pereira de Matos, celebrou a Missa cantada assistindo, o Arcipreste, e o P.º José Simões de Abreu, do Casal de S. Simão. O P.º João Simões Louzã, secretário do Arciprestado escreveu este Auto, de que forma testemunhas os ditos Padres, o zelador da Capela, Manuel Inácio Júnior, e mais pessoas presentes. Foi lido diante de todos, e assinado por:

P.º Manuel Pereira de Matos, P.º José Simões de Abreu, Manuel Inácio Júnior (zelador), Manuel José Alves, Francisco da Silva

Actualmente o pitoresco lugar do Fato, na parte sul da Serra do Sapêdo está pegado, lado sul, à Via rápida,

IC8, com um café moderno e vistoso, com grande clientela.

Fato vem do latim (fatum-i) e significa rebanho de gado, ovelhas ou cabras. Era local muito frequentado por pastores de grandes rebanhos. Em 1890 tinha o Casal do Fato 8 fogos, e em 1991 tinha 21.

Em 1828, foi ali construída uma capelinha dedicada ao Anjo da Guarda.

Em 1852, foi reparada e ampliada, em virtude de uma promessa de Manuel Inácio Júnior, da Ponte de São Simão. É uma história curiosa.

Está ligada à vida de José Leal, o avô do saudoso Manuel Leal Júnior, natural do Salgueiro da Lomba e falecido na Vivenda Leal «Paraíso», Poiares, autor do livro «A Nossa Terra», 1976.

José Leal tinha uma estalagem no lugar do Ribeirinho, freguesia da Cumieira, antiga estrada Tomar — Coimbra, onde pernoitavam os carroceiros, almocreves e viandantes. Florinda, sua mulher era boa cozinheira, e a clientela acudia ali a saborear a boa comida. Uma alta noite, apareceu-lhes lá o jovem Manuel Inácio Júnior, em grande aflição. Pedia agasalho, em sítio



Anjo da Guarda
que se venera na Capela do Fato —
Ajuda.
A festa foi no dia 10 de Julho.

(Continua na pág. 3)

Volta ao Mundo

RÚSSIA — Descobriu-se há pouco que no terrível «Campo da morte», nos arredores de Moscovo, no reinado do «carrasco» Estaline, foram assassinados mais de 22.000 pessoas pela polícia MKVB, a polícia política do ditador José Estaline, o «ZE Serralheiro» só por motivo de não serem comunistas, à medida de 400 por dia!

ALMADA — No dia de S. João, desde as 7 h. até às 18 h., 6 camionistas e motociclistas e uma multidão de povo ocuparam a Ponte sobre o Tejo, a protestar contra os excessivos aumentos das taxas de portagem. Por fim, deu-se a inter-

venção violenta da polícia. Um camionista foi bastonado, preso, algemado e levado para a prisão do Quartel da G.N.R.

A multidão atirou pedras e torções sobre a polícia e jornalistas. Uns 15 feridos, e conduzidos ao hospital.

Um tal Luís Miguel, de 18 anos, apanhou com uma bala na extremidade dos pulmões. A bala já foi achada.

Está internado no Hospital de St.ª Maria, em Lisboa, em risco de ficar paralisado das pernas. Queixas da P.S.P.

(Continua na pág. 3)

Crónica de Pedrógão Grande

Entrou no 33.º ano de publicação assídua e ininterrupta o «Voz da Graça», fundado, dirigido e sempre coordenado pelo Rev.º Padre Aníbal Henriques Coelho que, embora tivesse nos primeiros doze anos muitas barreiras que lhe foram surgindo, todas soube transpor com a dignidade dum lutador leal às terras e aos interesses do concelho de Pedrógão Grande, sem esquecer os concelho vizinhos e a síntese

dos principais acontecimentos do país e do estrangeiro.

Nos últimos vinte anos também enfrentou algumas dificuldades, mas de igual modo e com a coragem que lhe foi sempre reconhecida, soube conduzir esta tarefa de publicar mensalmente e fazer chegar aos simpatizantes do «Voz da Graça» o órgão de comunicação social pedroguense, ostentando no seu cabeçalho os caracteres das três freguesias do concelho, simbo-

lizadas com a torre das respectivas igrejas.

No decurso deste 33.º aniversário, é bom que o facto seja justamente assinalado, mesmo abalado na sua saúde, o Rev.º Padre Aníbal, sem quebra de energias, continua a dirigir serenamente o jornal que fundou, embora teias burocráticas e de diversa ordem lhe surjam e as vai ultrapassando com a experiên-

(Continua na pág. 3)

FALECIMENTO

No lugar dos Covais, faleceu, na madrugada do dia 7 de Julho, Guilherme Batista dos Anjos, de 70 anos, casado com a Sr.^a D. Maria Fantina.

Esta morte inesperada terá sido provocada pela queda que dera na manhã anterior, quando apanhava figos lampos, numa figueira, no quintal.

O funeral realizou-se no dia seguinte, para o cemitério da Graça.

Baptizado na Graça

No Domingo, 26 de Junho, foi baptizado o menino João, filho do Sr. Manuel da Cruz Conceição Simões e D. Ilda Maria Pires Faria, moradores na Soalheira, nossos assinantes.

Foi padrinho, Fernando Pires Maria, tio materno do neófito que é neto paterno de Manuel Simões Nunes, falecido, e de D. Albina Conceição Henriques, natural de Nodeirinho e moradora na Soalheira, e neto materno de Adelino Faria e de D. Angelina Pires, do Colmeal.

Aos convidados foi servido um farto e variado jantar, decorrido em bom ambiente de harmonia.

«VOZ DA GRAÇA»

AVENÇA CREDENCIADA

Mensário Formativo e Informativo

Fundado em Abril de 1962

FICHA TÉCNICA

Director e Fundador:

P.^o Anibal Henriques Coelho

Director Adjunto:

João Carvalho Rosa (João Viola)

Redacção:

Nodeirinho (Graça)

— 3270 PEDRÓGÃO 3 GRANDE

Telefone (036) 50155

Depósito Legal: n.º 236/82

N.º de Registo na DGCS 104959

Colaboradores:

Dr. Juiz Desembargador Jubilado
Serafim Fernandes das Neves (Lisboa)

Dr. Reis Brasil (Lisboa)

Júlio Baptista Nunes (Reboleira)

Dr. João da Silva (Silvio) - (Funchal)

António da Rosa (Lisboa)

Ángelo Francisco Teixeira (P. Grande)

Armando David (Buraca)

Américo Rosa Lopes (Pesos Fundeiros)

P.^o Américo Brás da Costa (Lisboa)

P.^o José Rodrigues Redondo (Lisboa)

D. Arminda Cardoso (Lisboa)

D. Eduarda L. Dias (Pampilhosa)

Laura Rosa Martins de Carvalho (Estoril)

Eduardo Abreu (Vila Franca)

Prof. Carlos Atalaia (Pedrógão)

Composição e Impressão

desde Abril de 1972

Gráfica Almondina Tel. 812499 - T. Novas

Assinatura anual (12 meses) — 1.000\$00

Número avulso — 100\$00

Tiragem mensal: 2.000 exemplares

Locais de pagamento, deixando por

escrito o nome e morada

Na Graça: Sr. Manuel Santos, sacristão

Figueiró dos Vinhos: Café Central

S. Mário

Pedrógão: Carteiro Carlos Louro

Em Castanheira de Pera: António

Martins - Barbearia

Nodeirinho: Redacção e João Viola



Missas por alma de 16 Guarda-Rios

A pedido do nosso assinante e amigo Sr. Domingos Simões Brás, da Portela da Arega, foram celebradas missas por alma dos seguintes guarda-rios falecidos, seus companheiros de serviço:

António Simões Brás, seu pai, no dia 8 de Agosto; Horácio Henriques Quevedo, em 9 de Agosto; Manuel António da Silva, em 10 de Agosto; António Simões, em 11 de Agosto; António Almeida Santos, em 12; José Vaz, em 13; Alfredo Simões Cardo, em 14; Virgílio Ideias, em 17; Manuel Simões Marques, em 18; José Rodrigues, em 20; Alfredo Dias Curado, em 21; António Godinho Flores, em 24;



Joaquim da Silva Ferraz, em 25; Fernando Godinho Graça, em 26; António Lopes Fernandes, em 27 e António Inácio, de Abrantes, em 28 de Agosto.

Descansem em paz.
Deus pague tão exemplar devoção.

Olivença é «nossa»

Pelo Tratado de Monsão, foi cedida do Rei D. João I, de *Boa Memória*, por D. João I de Castela. Foi justificada, em 1641. Nesse mesmo ano, foi atacada pelo Conde de Monterey e pelo Marquês do Toral.

Em 1645, foi atacada pelas tropas do Marquês de Leganés. Em 1648, foi atacada pelos espanhóis. Em 1657, foi cercada pelas tropas do Duque de São Germano, e perdida.

Foi ocupada pelos espanhóis e perdida para o domínio português, segundo o Tratado de Badajoz, em 6 de Junho de 1801, e o Tratado de Amiens, em 25 de Março de 1802. Em 1806, deu-se a revolta contra o domínio espanhol, e houve falsas promessas do seu retrocesso ao domínio português, feitas por Godoy.

Em 15 de Abril de 1811, foi reconquistada ao domínio francês pelas tropas anglo-lusas do

comando de Beresford. Indirectamente foi restituída a Portugal, pelo Tratado de Paris, de 30 de Maio de 1814, ficando assim anulados os tratados de Badajoz e Madrid, de 1801.

Em 9 de Junho de 1818, o Tratado de Viena, pelo seu artigo 105 impôs a sua restituição a Portugal. Mas infelizmente a Espanha não cumpriu até agora tal restituição, como era seu dever. E quer ela que a Inglaterra lhe restitua Gibraltar?

São assim os nossos «irmãos» espanhóis!

Um morto e 100 cabeças partidas

Na noite de 11 para 12 de Julho, a Bulgária venceu a Alemanha, por 2 a zero. Loucos de alegria, os vencedores saíram à rua, e fizeram violências. Um morto e 100 feridos foi o triste resultado da refrega entre os «doentes» da bola.



AGRADECIMENTO

No lugar da Lameira Fundeira, Vila Facaia, faleceu, no dia 11 de Junho, o Sr. Albino Coelho, de 77 anos, casado com a Sr.^a D. Marília da Silva Leitão.

O funeral realizou-se no dia seguinte para o cemitério de Vila Facaia.

Viúva, filho, nora e netos, agradecem a todas as pessoas que se dignaram acompanhá-la à sua última morada e a todos os que, de qualquer outra forma manifestaram o seu pesar.

As nossas visitas

Recebemos e agradecemos a amável visita dos nossos assinantes e amigos:

Adelino Bouça da Silva, Altarado; D. Maria Otilia Fernandes, Mó Grande; Fernando Simões David, Carvalheira Pequena; José António Fernandes, Carvalhos; Manuel Henriques Conceição, Figueiró dos Vinhos; António Silva Coelho, Esposa e filhos, Coimbra e Mário Rosa Antunes, Figueiró dos Vinhos.



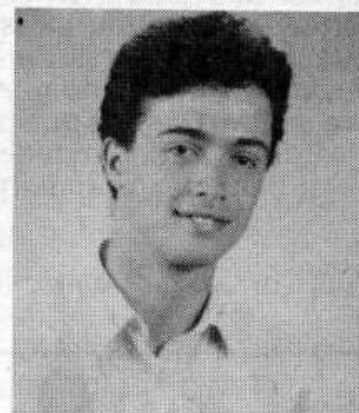
AGRADECIMENTO

No Hospital de Santo António dos Capuchos, em Lisboa, faleceu, em 19 de Maio de 1994, o Sr. Manuel Marques Ferreira David, de 69 anos, natural de Derreada Cimeira nosso assinante, casado com Ex.^a Sr.^a D. Maria de Lurdes Encarnação Marques, de Nodeirinho e pai da menina Maria do Céu M. Ferreira David, residentes em Lisboa.

O funeral realizou-se no dia 21 de Maio, para o cemitério do Alto de S. João, Lisboa.

Viúva, filha e família, não podendo fazê-lo pessoalmente, agradecem por este meio a todas as pessoas que o acompanharam à sua última morada ou que de outra forma manifestaram o seu pesar.

Por sua alma serão celebradas missas, às 19 horas e 15 minutos, todos os dias, desde 21 de Junho até 20 de Julho, na Igreja de S. Jorge de Arroios. Descanse em paz.
P.N. e A. Maria.



AGRADECIMENTO

No dia 18 de Março de 1994, faleceu, Francisco Manuel Simões Martins, da Louriceira, filho de Manuel das Dores Martins e de Maria Rosa Simões Martins, aluno distinto da Universidade Lusíada, 3.^a ano da Faculdade de Economia. Tinha 24 anos.

O funeral realizou-se no dia 20 de Março, para o cemitério de Pedrógão Grande.

Era afilhado e sobrinho do nosso estimado assinante Sr. Francisco Simões Fernandes, comerciante de Linda-a-Velha.



AGRADECIMENTO

No dia 24, dia de S. João, faleceu no lugar da Picha, a Sr.^a D. Maria Rosa Dias Pais, de 59 anos, casada com o nosso assinante Sr. Valdemar das Dores Pais. O funeral realizou-se no dia 25 de Junho para o cemitério de Pedrógão Grande.

Viúvo e mais família na impossibilidade de o fazerem pessoalmente como seria seu desejo, vêm por este meio testemunhar o seu agradecimento a todas as pessoas que se dignaram acompanhá-la à sua última morada, ou que de qualquer outro modo, manifestaram o seu pesar.

Queremos expressar publicamente uma palavra de gratidão a todos quantos, em vida, lhe dedicaram todo o carinho e lhe prestaram ajuda nos momentos mais difíceis. Um grande bem hajam.

Paz à sua alma.



AGRADECIMENTO

No dia 17 de Junho de 1994, no lugar dos Escalos de Meio, faleceu o Sr. Joaquim Henriques, nosso assinante, de 72 anos, viúvo de Gracinda Rosa Maria. O seu funeral realizou-se no dia seguinte para o cemitério de Pedrógão Grande, com grande acompanhamento. Foi celebrada Missa de corpo presente.

Filhas, genros, netos e mais família agradecem com profundo reconhecimento a todas as pessoas que assistiram durante a sua prolongada doença e o acompanharam à sua última morada.



AGRADECIMENTO

No dia 25 de Junho, faleceu a Sr.^a D. Maria Rosa da Conceição, de 88 anos, viúva, natural dos Covais, Graça.

Filhos, netos e mais família não o podendo fazer pessoalmente, vêm por este meio agradecer a todos os que a acompanharam à sua última morada ou que de outra forma manifestaram o seu pesar.

Volta ao Mundo

(Continuação da primeira página)

O Sr. Ministro das Obras Públicas veio a ceder, melhorando as condições das taxas para depois de Agosto, e isentando de pagamento das mesmas, nos meses de Julho e Agosto. Foi pena esta medida não ter vindo mais cedo, pois muitos males e graves prejuízos se teriam evitado. «Se não estivesse no lugar em que estou também ia buzinar na ponte sobre o Tejo» — disse Cavaço Silva.

PROENÇA-A-NOVA — «Mancha Verde» no seu n.º 78, transcreveu o nosso artigo «Pinhais do Zêzere», publicado no n.º 380. Agradecemos.

MOITA DO NORTE — Na fábrica pirotécnica de Adelino Martins & Filhos, deu-se uma violentíssima explosão. Num ápice tudo ficou reduzido a escombros, arrasando e destruindo, deixando o luto e a dor. Importantes reservas de fogo de artifício destinadas a festas do País e estrangeiro lá se encontravam armazenadas. Causou a morte a 5 trabalhadores e ferimentos graves a muitos outros.

Foi uma tragédia!

BRASIL — É grave até desesperada a situação do povo brasileiro. Mendigos comem carne humana.

RÚSSIA — O governo actual não é uma democracia. Está próximo do comunismo.

CANTANHEDE — O Sr. P.º João da Cruz Conceição, ex-pároco de Pedrógão Grande, e actual Pároco dos Covões e Bolho esteve internado no Hospital de Coimbra, para efeito de exames exaustivos. Os médicos diagnosticaram: «Atrofia muscular». Lamentamos, e pedimos a Deus, Senhor da vida, que lhe conceda sensíveis melhoras,

para continuar a sua acção pastoral que lhe foi confiada.

MAIA — Em Araújo, descarrilou um comboio no dia 29 de Junho, carregado de passageiros. Três mortos e 40 feridos.

CORUJEIRA — Em S. Martinho do Bispo, os estudantes fizeram um peditório para o Lar das Crianças deficientes, por S. Martinho e arredores. Foram bem sucedidos. Fizeram entrega de 45 contos ao Sr. P.º Dr. Francisco Proença Serra, Director do referido Lar, de Alcarraque.

LISBOA — Pelo 10 de Junho, o Dr. Mário Soares condecorou 132 pessoas como «heróis nacionais». Imagine-se que até indigitou para tal prémio o Palma Inácio.

Em 1970, ainda antes do 25 de Abril houve um assalto ao Banco de Portugal, da Figueira da Foz, de onde roubaram avultada soma de notas de mil escudos e outras. O herói do célebre assalto foi, sem dúvida, Palma Inácio que assim se tornou «Herói Nacional», um vulto conhecido e célebre, no País.

Dissipou o produto do assalto, não se sabe onde nem em quê. Tempo depois, o agente de Polícia, Sr. Jaime Nunes Henriques, nosso assinante, reconheceu-o, e deu-lhe ordem de prisão, onde terá estado até ao 25 de Abril, em que todos os presos foram «libertados» por Salgado Zenha, Ministro da Justiça. A indignação do Presidente foi gorada por dois elementos da Comissão que tiveram a hombridade de dizer: Não.

Chamam-se general António Spínola e Arquitecto Ribeiro Teles, estes sim dignos de louvor e justa honra.

Desta vez, o assaltante foi irradado.

COLÔMBIA — Um homem de 36 anos, só no espaço de três anos, terá casado com 41 mulheres. Casava depois de ter ganhado a confiança das sucessivas noivas e seus pais. Após umas semanas de casamento, desaparecia com as jóias e o dinheiro da mulher.

A Polícia emitiu um mandado de captura contra o ladrão tão perigoso.

PORTO — No encontro diocesano dos membros da Sociedade de S. Vicente de Paulo, afirmou-se: «Em Portugal, há cada vez mais miséria escondida, aumenta o número de famílias com vergonha da sua pobreza, sem ter dinheiro sequer para comprar medicamentos».

LISBOA — Em Portugal, a agricultura está em declínio. Quem o diz é o povo, e quem o confirma é o Instituto Nacional de Estatística.

PEDRÓGÃO GRANDE — Na albufeira do Cabril foi instalada uma piscina flutuante.

Custou só 3 mil contos, pagos pela C.M., Ordenamento do Território e Bombeiros.

É barata a utilização.

VILA FACAIA — No local, onde em tempos existia, a casa, em que nasceu a nossa colaboradora, D. Eduarda Lopes Dias, foi agora construído um parque de estacionamento para 20 automóveis.

Fica à distância de poucos metros a sul do Posto Médico. Sem dúvida uma obra de grande utilidade que fica a dever-se à activa Junta de Freguesia de Vila Facaia, digna de louvores.

SOALHEIRA — A rua desta povoação foi há pouco beneficiada com uma boa e moderna calçada pela Junta de Freguesia da Graça, que há muito se fazia esperar. Foi preciso mudarem os ventos da história!

Crónica de Pedrógão Grande

(Continuação da primeira página)

cia com que soube exercer o múnus da sua vida sacerdotal.

Na secção de Cartas ao Director poderá observar-se que tem assinantes espalhados pelas sete paróquias do mundo, onde afinal labutam pedroguenses, facto que numa forma transparente o «Voz da Graça» sempre foi, e será lido pelos nossos conterrâneos espalhados pelos diferentes países donde provêm tais cartas de apoio, simpatia e gratidão!

Que o «Voz da Graça» e pela pena do seu Fundador e Director prossiga com a mesma coragem e espírito de isenção que o caracterizaram ao longo dos últimos 32 anos, são os votos com que hoje iniciamos esta crónica.

Auditório Público no largo da Deveza

Decorrem os trabalhos para a construção dum Auditório no largo da Deveza, supomos que a cargo da Câmara Municipal e da Junta de Freguesia, na perspectiva de que nas próximas Festas de Verão ou quaisquer espectáculos públicos ali possam realizar-se bem como os Ranchos Folclóricos ou outras iniciativas culturais abrangidas nos futuros programas em vez de utilizarem os estrados de madeira que anualmente eram colocados e por vezes ali ficavam por desmontar.

Oxalá que a obra venha a agradar a todos os pedroguenses, coisa difícil, já que, pelo que temos observado e nos custa lamentar, as Instituições principais do concelho parece andarem de «costas voltadas» para com a Autarquia Central, quando, em nosso entender, e sejam quais forem os credos políticos e religiosos dos respectivos responsáveis, deviam funcionar em bloco, olhando todos, sem excepção, pelo bem e pelo melhor para todos os pedroguenses, o que é difícil se não coexistir um relacionamento sincronizado entre Câmara Municipal e todas as Instituições.

Esperamos que o bom senso prevaleça que os responsáveis pelas diversas Instituições tornem mais estreito e amistoso o relacionamento com a Câmara Municipal e que a reciprocidade igualmente se verifique para bem do concelho, do seu conceito e da sua representatividade perante o poder central.

Toponímica da vila de Pedrógão Grande

Supomos ter alguma pertinência lembrar aqui que na reunião ordinária da Assembleia Municipal de 25 de Setembro de 1986, pelo membro então em exercício, Ângelo Fran-

cisco Teixeira (colaborador do Voz da Graça) foi sugerida a criação de um grupo ou Comissão Toponímica, citando vários nomes de pessoas cuja memória devia ser perpetuada, como Marcelino Nunes Correia, António Venâncio David, Alcino Vicente Pinheiro, Manuel Rodrigues, Miguel Leitão de Andrada, dentre outros, tendo abordado nessa intervenção o «Voz da Graça», admitindo que este jornal não estivesse a merecer protecção da edilidade, perante um outro jornal referido.

Na reunião de 29 de Abril de 1987 o Vogal, Sr. Costa disse ter sido criada na Assembleia uma Comissão Toponímica, da qual fazia parte, mas até a essa data não tinha sido convocado para qualquer reunião, embora estivesse disponível para isso.

Resta-nos a dúvida se esta Comissão chegou a funcionar e quais as conclusões!...

Curiosidades

Da acta da reunião ordinária da Assembleia Municipal realizada em 20 de Dezembro de 1986, na parte de «antes da Ordem do Dia», fl. 76 e verso, consta que... «O Sr. Ângelo Teixeira usou da palavra para apreender vários pontos: 1) Congratular-se com a admissão do Sr. Eng.º Manuel Henrique com conhecimentos específicos para as funções de obras públicas; 2) Falta de definição do verdadeiro Brazão da Vila de Pedrógão Grande, face aos diversos desenhos, fotos e montagens heráldicas que colocou à disposição para que alguém se debruçasse sobre o assunto; 3) Referiu o novo Quartel da G.N.R. com a existência da cavalaria no r/c o que, em sua opinião, só provisoriamente seria admissível»... Na fl. 77 o Sr. Presidente da Câmara Municipal aludiu, na resposta, a esses e outros assuntos então colocados, aqui ficando o apontamento por ter a curiosidade de não se cair no provérbio árabe de «Não diga tudo o que sabe, mas saiba tudo o que diz»!

Diversos

Atendendo à falta de espaço, continuaremos no próximo número, esperando abordar os temas respeitantes ao Retábulo da Misericórdia, ao Regulamento de Trânsito na vila, ao Aldeamento do Rabigordo e outras obras de interesse do concelho, por cujo progresso e desenvolvimento sempre nos preocupamos.

Ângelo Teixeira

Auto histórico da bênção da Capela, do Fato

(Continuação da primeira página)

bem escondido, estava a ser procurado pela tropa do Alentejo, onde viveu e praticara malandrices amorosas.

José Leal deu-lhe guarida. Fez uma cova funda, no curral das mulas.

Tapou-a com tábuas e mato. À noite retirava-o de lá para o sótão. Em caso de aflição, podia o escondido retirar telhas, e fugir à tropa perseguidora.

Uns dois meses durou o esconderijo. A tropa andou pela Ponte de S. Simão, não chegando a ir ao

trada de Pedrógão, com a abertura da Via Rápida, a passar pela Adega. José Leal, sem estalagem, com a mulher falecida, e com 6 filhos menores, viu-se obrigado a bater à porta do seu amigo Inácio da Ponte. Este deu-lhe uma casa no Salgueiro, para habitar, terras com oliveiras para amanho, e videiras e lá se foi instalar com os filhos. Manuel Inácio quando era perseguido pelos soldados alentejanos, fez uma promessa, se não fosse apanhado.

E assim mandou reparar e ampliar a Capela do Fato, à sua custa.

Retirou uma das figuras decorativas, com a peanha, onde estava esculpida. Na capela nova, ainda está exposta a dita figura, com o nome de Anjo da Guarda. José Leal transportou o Santo às costas, em noite escura. Por ser muito pesada a figura, o bom homem teve que parar e descansar, mais de 70 vezes, pelo caminho, da Venda dos Moinhos até ao Fato. E ele contava depois esta sua aventura com orgulho.

Publicamos a foto de Santo Anjo da guarda na 1.ª página.

No dia 25 de Junho visitámos a Capela e fomos ao Salgueiro da Lomba onde visitámos o nosso amigo Almerindo C. Simões e sua Mãe, Maria Augusta da Conceição.

No decorrer de mais de 160 anos, a Capela construída em 1828 e ampliada, em 1852 foi-se degradando, e chegou ao ponto de já não oferecer o mínimo de conforto e bem-estar para se dialogar, em oração ao Deus Altíssimo.

Foi assim que surgiu uma comissão e grupo de pessoas devotos que, em pouco espaço de tempo, levantaram com gosto e estética a linda Capela, de maior tamanho, no mesmo local. Impõe-se este novo templo à devoção dos fiéis ao nosso Santo Anjo da Guarda que nos protege contra o mal, nos livra dos inimigos da alma e nos inspira bons ideais para a prática do bem.

Este novo templo foi solenemente inaugurado e benzedo pelo Rev.º Senhor Vigário Episcopal da Zona Sul, Dr. Manuel da Silva Martins, Pároco de Chão de Couce, no dia 29 de Setembro de 1991.

A Comissão que ergue a nova Capela é constituída pelos Srs. António Conceição Lopes, Vital Simões e Sérgio Simões.

Dos emigrantes do Luxemburgo vieram ofertas superiores a 200 contos. O povo ajudou muito.

Parabéns.

P.º Anibal



Nova capela do Anjo da Guarda, do Fato (Aguda)
20 de Outubro de 1991

Ribeirinho. E retirou Manuel Inácio aliviado do pesadelo, continuou a vida de ambulante, mas não voltou ao Alentejo. Ficou muito agradecido ao José Leal e sempre grande amigo. Com muita razão.

Anos depois, foi construída a Estrada Real Tomar — Coimbra, a passar longe da antiga. Assim a estalagem do José Leal ficou sem clientela, como acontece agora sem os cafés entre Pinheiro e Mós, es-

Mas faltava o Santo para ela, problema que o preocupava e afligia.

O seu amigo José Leal que o livrara da prisão e dele recebera casa de habitação e terras com árvores para cultivar, mais uma vez lhe quis ser grato e agradável. Foi-se à Venda dos Moinhos, a uma fonte já seca, no solar de D. Manuel Velasques Sarmento Coelho de Mascarenhas, solar já desabitado.

O Retábulo da Misericórdia foi reposto no seu lugar

(Continuação da primeira página)

sos do património artístico, cultural e histórico do concelho, como o estimado leitor pode ver consultando os seus números 272 e 359, publicados, respectivamente, em 15/5/85 e em 15/9/92.

Todavia, o Retábulo já se encontra no seu lugar, como comprova a fotografia que documenta o acontecimento justificativo desta referência, pois criou alguma polémica em tempos recuados.

Podemos acrescentar que na parte frontal inferior se encontra um crucifixo que, não fazendo parte do magnífico Retábulo, aparece nesta fotografia por ser usual ali manter-se nos actos litúrgicos.

A este Retábulo da Igreja da Misericórdia de Pedrógão Grande

muitos artistas, historiadores e arqueólogos têm dedicado particular atenção, esperando-se que não deixem de observar, quando lhes for possível, esta obra admirável e rara que Álvaro Nogueira pintou e tem sido referida com significado e interesse especiais.

Desta forma ficou valorizado o património cultural e histórico da Misericórdia de Pedrógão Grande, com o restauro e reposição do Retábulo maneirista de elevado valor artístico que lhe é atribuído, com os seus seis painéis trabalhados pelo pintor consagrado já referido, motivo para no campo turístico mais valorizar a vila pedroguense.

A.T.

No melhor pano cai a nódoa

Continuação da pág. 8

respondera, ter sido uns abrunhos que comera, ao mesmo tempo, que se encaminhava para casa, alegando que se iria tratar. Assim a tal vizinha, que já andava desconfiada do que se ia passar, foi no seu encaço porque receava que ela se quisesse desfazer da criança, para dar a ficção da pureza da sua virtude, e ao chegar a casa da Piedade, qual não foi o seu espanto, ao verificar que a rapariga, acabara de dar à luz, um menino. E então lhe perguntou humoristicamente: Diz-me agora, se a dor de barriga, foi causada pelos abrunhos? Vá responde!

A Piedade, que fora sempre uma rapariga respeitada e virtuosa, encontrava-se agora numa situação desesperada, com poucos recursos para criar o filho e envergonhada do seu acto, sem saber como havia de enfrentar o público e suportar o peso da sua crítica.

Todavia essa sua vizinha e sincera amiga, encorajou-a a recomeçar nova vida, contando com

a generosidade da vizinha, o que veio a suceder.

Pouco tempo depois, a Piedade, casava com o Manel, e embora, fosse uma família de poucos haveres, foi no entanto feliz, junto do filho, o qual à medida que ia crescendo e já depois de começar a trabalhar, deu sempre sobejas provas de carinho e de auxílio para com os seus progenitores, vivendo sempre em sua companhia, até ao fim da sua existência e só depois do seu falecimento, foi para os Açores, Ilha de São Miguel, onde se estabeleceu e ali morreu alguns anos mais tarde.

O Júlio, assim aquele bom filho se chamava, e do qual eu era muito amigo, deixou e ainda têm a viver alguns familiares, naquela terra açoreana, aos quais, eu peço desculpa de lembrar este caso, mas o considero, mais um episódio da história da minha TERRA.

António da Rosa

Camões, sempre Camões

A cultura portuguesa muito te deve, por isso envio-te este modesto poema:

O teu sonho brinca
na bainha das saias de chita
e descreve poesia
lasciva e sensual
nas curvas dos seios
da vénus do Amor.
Telefonaste aos deuses do Olimpo
para protegerem
as naus portuguesas
dos gigantes dos mares
Nadaste em águas
afritas para salvars
dois Amores:
o épico à pátria
e o lírico às paixões femininas
10/Junho/94.

Ligia Faria

Só para rir

Adivinha

São duas a correr, uma atrás da outra, sem nunca se ultrapassarem.

Solução da anterior: Mérida.

Anedotas

— Nesta temporada de caça, já apanhei 12 coelhos, 10 perizes, 4 lebres e um javali.
— Eu também assim sou!
— Então é caçador?
— Não, sou mentiroso.

A mãe leva a filha de sete anos, a visitar uma amiga e recomenda-lhe:

— Hoje tens de te portar como uma senhora...
— Então tenho de fumar?...

Úlcera varicosa

Esta lesão chama-se úlcera da perna ou úlcera varicosa para se distinguir da úlcera que se observa na ongiodermite pigmentada e purpúrica dos membros inferiores. Pela sua frequência, pela cronicidade e gravidade, esta lesão tem sido motivo de estudo em todos os países. É mais frequente nos homens do que nas mulheres, entre os 40 e 50 anos, o que não significa raridade desta lesão em doentes entre os 15 e 20 anos, e mesmo após os 80 anos, localiza-se sobretudo, na face antero-interna do terço inferior da perna. A úlcera é, quase sempre única, extensa, podendo atingir 15 a 20 centímetros de diâmetro. Geralmente as bilaterais. Quando muito antigas, os seus bordos são duros, talhados a pique, têm aspecto átono e não apresentam sinais de cicatrização.

À volta da úlcera, a pele adquire uma cor castanha ou polícroma. Os tegumentos encontram-se profundamente alterados. Existem perturbações graves da sensibilidade à picada, ao tacto e ao calor. Disestesia e parestesias coincidem com hipoestesias. Os pelos desaparecem na superfície da pele pigmentada periculosa. A uma curta distância da úlcera varicosa, no pé, observam-se alterações pigmentares e o desenvolvimento de múltiplas formações angiomasas microscópicas

que parecem ter o seu ponto de partida nas veias. A evolução da úlcera da perna é muito tórpida. Sempre que se observa uma úlcera varicosa, é-se obrigado a pensar na existência de um estado varicoso, isto é, na possibilidade do estabelecimento do chamado eczema varicoso. As complicações mais vulgares da úlcera da perna podem ser superficiais ou profundas. As complicações superficiais são a erisipela, as linfangites mais ou menos agudas, seguidas de engorgimento dos respectivos gânglios regionais. A acção prolongada destas complicações inflamatórias pode originar a formação de úlceras dérmicas profundas, cujo fundo se pode tornar necrótico, dando mais tarde origem às chamadas úlceras calosas. O eczema varicoso não é propriamente um eczema, mas uma paraqueratose psoriase forme, uma dermite superficial irritativa, uma dermite infecciosa ou parasitária, estas últimas menos frequentes do que a paraqueratose. Não é somente a derme e a epiderme que se encontram alteradas.

Os vasos, os nervos, o tecido celular subcutâneo que adere aos planos profundos, sínfise dermo - aponevrótica, tudo se

encontra frequentemente atingido..

As perturbações vaso-motoras e sudorais demonstram profundas alterações do sistema simpático. Na maioria dos casos, a úlcera varicosa surge em tegumentos já profundamente atingidos, modificados, frágeis. Geralmente existe um estado anterior de angiiodermite pigmentada purpúrica, ou lesão pré-ulcerativa das úlceras varicosas. A pigmentação é devida a hemorragias intersticiais, ligadas a neo-formações e a alterações vasculares, isto é, uma verdadeira angiiodermite hemorrágica. Qualquer acção mecânica ou a mais ligeira infecção da pele podem provocar o rápido aparecimento da úlcera. A úlcera recente tem um aspecto diferente da úlcera crónica da perna. É superficial. O fundo é vermelho-acastanhado, granuloso, sangrando com grande facilidade. Muitas vezes, o início da úlcera traduz-se por um infiltrado hemorrágico mecular, isto é, um verdadeiro enfarte cutâneo. A úlcera da perna deste tipo verifica-se sempre em indivíduos com varizes.

A diabetes pode precipitar o aparecimento das úlceras da perna.

Tagarelices de vez em quando

Por: Américo Rosa Lopes

Caros Leitores de "Voz da Graça", estou em férias e na leitura do diário "Correio da Manhã" — despertou-me a atenção do conteúdo dos dois Bilhetes Postais abaixo transcritos, publicados no referido diário e como estou em férias, tive mais tempo para neles meditar. Caro leitor, se os ler, medite neles também porque depois de os apreciar profundamente é caso para nos interrogarmos "Portugal que futuro?"

BILHETE POSTAL

Linda obra, não haja dúvida. Podem limpar as mãos à parede. Não interessa saber se o culpado foi o sr. ministro Amaral, que dá tudo para fazer uma obrázita, ou o sr. Catroga, que para chupar dinheiro é como mata-borrão a chupar tinta. Fosse quem fosse — em último lugar o Governo, está visto — denotou uma total falta de bom senso, indispensável a uma boa governação. Lógico que acreditamos que o PC deu uma mãozinha, o PS um empurrão e até o CDS actuou como PP. Estavam no seu papel. São oposição. E, Deus meu, como é fácil ser-se oposição quando a situação é a que temos! Desbloqueou-se o bloqueio da ponte. Oxalá se tenha aprendido a desbloquear certas mentalidades.

V.D.

Pelos vistos, está tudo bem. Vejamos: "...todos os indicadores apontam..."; "...estabilidade do quadro macroeconómico..."; "...o relançamento do crescimento económico e não inflacionista..."; "...aprofundamento das medidas estruturais..."; "...manter a estabilidade cambial..."; "...baixar o custo de financiamento das empresas...". Quem os ouve não os leva presos. Só que a economia mexe com os bolsos e não com os ouvidos. Mas fica-nos a dúvida se temos economistas ou otorrinolaringologistas. Oh, meu Deus, porque não nos fizeste surdos?

V. D.

AVISOS DO POVO

O povo sempre teve a sua ciência filha da longa experiência... Daí o seu crédito!
Apesar de estarmos na época das grandes tecnologias, ela continua a ser Mestre Segura e Sábida.
Aprendamos com o Povo as suas lições, e entre elas, aqui vão estas:

- "Não é o que se recebe que enche a mão, é o que se dá que enche o coração"
- "Não faças aos outros, o que não gostas que te façam a ti"
- "Diz-me com quem andas, dir-te-ei o que és"
- "Filhos és, pai serás, conforme fizeres, assim acharás"
- "Ao rico não devas, e ao pobre não prometas"
- "Vale mais pedir que roubar"
- "Quem rouba a ladrão, tem cem anos de perdão"
- "Quem numa hora má escapa, cem anos poderá viver"
- "Quem em Maio não merenda, aos finados se encomenda"
- "Mais vale burro que nos leve, do que cavalo que nos derrube"
- "Quem canta, seus males espanta"
- "Devagar se vai ao longe"
- "A César o que é de César, e a Deus o que é de Deus"
- "Quem faz o que pode, faz o que deve"
- "Quem empresta não melhora"
- "Imita a formiga, e não a cigarra"
- "Guarda que comer, e não guardes que fazer"
- "Em casa de ferreiro, espeto de pau"
- "Mais depressa se apanha um mentiroso do que um coxo"
- Quanto melhor conheço os homens, mais gosto dos animais"
- "Mais vale prevenir do que remediar"
- "Água mole em pedra dura, tanto bate até que fura"
- "Vale mais um pássaro na mão do que dois a vor"
- "Ninguém empobrece por esmolar, mas pode empobrecer por emprestar"
- "Ser mandador em casa alheia, é uma acção muito feia"
- "Quem quer vai, quem não quer manda"
- "Fala pouco e bem ter-te-ão por alguém"
- "Casa roubada, porta trancada"
- "Vale mais andar só do que mal acompanhado"
- "O Seguro morreu de velho"
- "Quem tem filhos tem cadilhos, e quem os não tem, cadilhos tem"
- "Ninguém diga desta água não beberei"
- "Quem cabritos vende e cabras não tem, d'algures eles vêm"
- "Quem paga o que deve, sabe o que lhe resta"
- "Nem tudo o que luz, é ouro"
- "Dinheiro e santidade, é tudo por metade"
- "Quem tem janelas de vidro, não pode andar à pedrada"
- "Gato escaldado, de água fria tem medo"
- "Cão que ladra, não morde"

Cartório Notarial de Pedrógão Grande

Certifico, narrativamente para fins de publicação, que por escritura de justificação lavrada em 30 de Junho, do corrente ano, a Fls. 22 do livro n.º 7-B, deste Cartório, compareceram: JOAQUIM MATIAS e mulher CELESTE DA CONCEIÇÃO, casados no regime da comunhão geral, naturais ele da freguesia de Pedrógão Grande e ela da freguesia de Vila Facaia, ambas do concelho de Pedrógão Grande, contribuintes fiscais respectivamente números 107961644 e 104544597, os quais declararam:

Que são donos e legítimos possuidores, com exclusão de outrem dos prédios descritos no documento complementar, elaborado nos termos do artigo setenta e oito, número dois, do Código do Notariado e que faz parte integrante desta escritura.

Todos os prédios se encontram inscritos na matriz em nome do justificante marido.

Que andam na posse dos referidos prédios há mais de vinte anos e que durante aquele tempo os possuem em nome próprio, sem a menor oposição de quem quer que seja, desde o seu início, posse que sempre exerceram sem interrupção e ostensivamente e com o conhecimento e acatamento de toda a gente, sendo por isso uma posse pacífica, contínua e pública, pelo que adquiriram os referidos prédios por usucapião, não havendo todavia, dado o modo de aquisição, documento que lhes permita fazer a prova do seu direito de propriedade perfeita.

DOCUMENTO COMPLEMENTAR ELABORADO NOS TERMOS DO NÚMERO DOIS, DO ARTIGO SETENTA E OITO DO CÓDIGO DO NOTARIADO, E QUE FAZ PARTE INTEGRANTE DA ESCRITURA DE JUSTIFICAÇÃO, LAVRADA A FOLHAS VINTE E DOIS DO LIVRO DE NOTAS NÚMERO SETE-B.

PRÉDIOS SITUADOS NA FREGUESIA E CONCELHO DE PEDRÓGÃO GRANDE

VERBA NÚMERO UM

Prédio urbano, composto de casa de habitação de rés-do-chão e primeiro andar, sito no Carvalho, com a superfície coberta de cinquenta metros quadrados, a confrontar do Norte, Nascente, Sul e Poente com Joaquim Matias, inscrito na respectiva matriz sob o artigo urbano número 1648, com o valor patrimonial de mil oitocentos e vinte e um escudos, ao qual atribuem o valor de cinquenta mil escudos.

VERBA NÚMERO DOIS

Prédio rústico, composto de terreno de cultura com oliveiras, pinhal e mato, sito em Carvalho, com a área de setecentos e noventa metros quadrados, a confrontar: do Norte, com Joaquim Matias e outro, do sul, com Albano Pinto, do nascente, com Arminda da Silva Pinto e do Poente com o visor, inscrito na respectiva matriz sob o artigo número 8017, com o valor patrimonial de dois mil cento e noventa e dois escudos, ao qual atribuem o valor de sete mil escudos.

VERBA NÚMERO TRÊS

Prédio rústico, composto de terreno de cultura com oliveiras, pinhal e mato, com a área de novecentos e trinta metros quadrados, sito em Carvalho, a confrontar do Norte, com Fernando Ferreira Pinto, do Sul, com Álvaro Bernardo da Silva, do Nascente, com Arminda da Silva Pinto e do Poente, com o visor, inscrito na respectiva matriz sob o artigo 8018, com o valor patrimonial de três mil cento e quarenta e dois escudos, ao qual atribuem o valor de sete mil escudos.

VERBA NÚMERO QUATRO

Prédio rústico, composto de terreno de cultura com oliveiras e mato, sito em Carvalho, com a área de mil e sessenta metros quadrados, a confrontar do Norte, com Roberto Martins das Neves, do Sul, com o prédio urbano de Joaquim Matias, do Nascente, com Joaquim Silva Eiras e do Poente, com Arminda da Silva e outro, inscrito na respectiva matriz sob o artigo número 8024, com o valor patrimonial de mil e trinta escudos, a que atribuem o valor de sete mil escudos.

VERBA NÚMERO CINCO

Prédio rústico, composto de terreno de cultura com oliveiras, sito em Carvalho, com a área de quatrocentos metros quadrados, a confrontar do Norte e do Nascente, com Joaquim Matias e outro, do Sul, com Albano Pinto e do Poente, com Arminda da Silva Pinto, inscrito na respectiva matriz sob o artigo número 8027, com o valor patrimonial de mil cento e oito escudos, ao qual atribuem o valor de sete mil escudos.

VERBA NÚMERO SEIS

Prédio rústico, composto de terreno de cultura com oliveiras, videiras em cordão, pinhal e mato, sito em Carvalho, com a

área de novecentos e noventa e cinco metros quadrados, a confrontar do Norte, com prédio urbano de Joaquim Matias, do Sul, com Albano Pinto, do Nascente com Eugénio Simões Pinto, e do Poente, com Álvaro Bernardo da Silva, inscrito na respectiva matriz sob o artigo número 8028, com o valor patrimonial de três mil cento e dezasseis escudos, ao qual atribuem o valor de sete mil escudos.

VERBA NÚMERO SETE

Prédio rústico, composto de pinhal e mato, sito em Carvalho, com área de três mil e oitenta metros quadrados, a confrontar do Norte e do Sul, com o visor, do Nascente, com Eugénio Simões Pinto e do Poente, com Álvaro Bernardo da Silva, inscrito na respectiva matriz sob o artigo número 8034, com o valor patrimonial de cinco mil duzentos e cinquenta e quatro escudos, ao qual atribuem o valor de sete mil escudos.

VERBA NÚMERO OITO

Prédio rústico, composto de pinhal e mato, sito em Carvalho, com a área de três mil e oitenta metros quadrados, a confrontar do Norte e do Sul com o visor, do Nascente, com João Simões e do Poente, com Álvaro Bernardo da Silva, inscrito na respectiva matriz sob o artigo número 8037, com o valor patrimonial de cinco mil duzentos e cinquenta e quatro escudos, ao qual atribuem o valor de sete mil escudos.

Todos estes prédios se encontram omissos na Conservatória do Registo Predial de Pedrógão Grande.

Somam os valores atribuídos aos prédios do referido documento complementar a importância de noventa e nove mil escudos, valor desta justificação.

Cartório Notarial de Pedrógão Grande, 4 de Julho de 1994.

A Ajudante,

(Assinatura ilegível)



CAIXA DE CRÉDITO AGRÍCOLA MÚTUA
DE FIGUEIRÓ DOS VINHOS

AGORA COM SERVIÇO DE
BANCO COMPLETO

SERVIÇOS BANCÁRIOS AO DISPOR DAS COMUNIDADES RURAIS

CONTA DEPÓSITO À ORDEM
CONTA DEPÓSITO A PRAZO
CONTA POUPANÇA MEALHEIRO
CONTA POUPANÇA JOVEM
CONTA POUPANÇA REFORMADO
CONTA POUPANÇA À ORDEM
CONTA ESPECIAL EMIGRANTE
CONTA SERVIÇOS
CONTA RENDIMENTO MENSAL
CONTA CONSTITUIÇÃO DE SOCIEDADES

CARTÃO VERDE GARANTIA
CARTÃO VISA
CARTÃO MULTIBANCO
TRANSFERÊNCIAS INTERBANCÁRIAS
OPERAÇÕES COM O ESTRANGEIRO
CÂMBIOS
INVESTIMENTOS NA BOLSA

CRÉDITOS PARA:
AGRICULTURA
FLORESTA
PECUÁRIA
AGRO-INDUSTRIAS
AGRO-ALIMENTARES
AGRO-TURISMO
TURISMO RURAL
JOVENS AGRICULTORES

APOIO AO COMÉRCIO E SERVIÇOS

APOIOS FINANCEIROS COMUNITÁRIOS (CEE)

BEM-ESTAR RURAL

AS CAIXAS DE CRÉDITO AGRÍCOLA MÚTUA

podem já financiar actividades não agrícolas, proceder a operações cambiais e com o estrangeiro, emitir cartões, Multibanco e de crédito, emitir títulos de investimento, facultando-lhe assim, aos seus clientes e associados o serviço de banco completo.

UM APOIO DIFERENTE AOS SEUS INVESTIMENTOS

Oferecemos-lhe as melhores TAXAS DE JURO

CONSULTE-NOS

CAIXA DE CRÉDITO AGRÍCOLA MÚTUA

Telefs. (036)52564-52857 - Fax 53263

Rua Luís Quaresma Val do Rio, 24 - 3260 FIGUEIRÓ DOS VINHOS

Telef. (036)36412 - Fax 36315 - 3250 CABAÇOS - ALVAIAZERE

Telef. (036)46328 - Fax 46210 - 3270 PEDRÓGÃO GRANDE



(01)9559313

Américo Coelho Godinho
EMPREITEIRO

EXECUTA TODOS OS TRABALHOS,
DA CONSTRUÇÃO CIVIL, OBRAS DE RAIZ
E TODO O TIPO DE REPARAÇÕES

ORÇAMENTOS GRÁTIS EM TODO O PAÍS

R. Mouzinho de Albuquerque (Qt.ª dos Anjos) — Portela da Azóia — 2685 SACAVÉM



OURIVESARIA LOURENÇO

RELÓGIOS • OURO E JÓIAS
CASA ESPECIALIZADA EM ÓPTICA MÉDICA

TELEF. 036/52105

3260 FIGUEIRÓ DOS VINHOS

UMA TRADIÇÃO DE BEM SERVIR



Colossal sortido a preços baixos.
Taças, troféus e medalhas desportivas.

Dr. FERNANDO BRANCO

Médico Especialista
de Clínica Geral

Telefone 52216

3260 Figueiró dos Vinhos

Consultas: segundas, terças e
quintas-feiras (das 12 às 14 e
das 18 às 20 horas).

Quartas-feiras (das 9 às 13 e
das 18 às 20 horas)

Sextas-feiras (das 12 às 20
horas)

Sábados (das 9 às 14 horas)

O NOSSO CORREIO

Desde 11 de Junho até 12 de Julho de 1994, com os nossos maiores agradecimentos registamos o pagamento das seguintes assinaturas:

Com 10.000\$00 — Sr. Francisco Simões Fernandes, Linda-a-Velha.

Com 9.000\$00 — Ex^{ma} Sr.^a D. Maria de Lurdes Marques, Lisboa.

Com 7.500\$00 — Sr. António Silva Coelho, Coimbra.

Com 5.000\$00 — Sr. Casimiro David Simões, Lisboa.

Com 2.500\$00 — Srs. José Nascimento Rodrigues, França; Adelino Henriques, Porto Alto.

Com 2.600\$00 — Sr. Adelino Bouça da Silva, Alardo.

Com 2.000\$00 — Sr. Alcindo Moreira Dinis, Lisboa; Luís do

Carmo Fernandes, Pesos; Domingos Simões Brás, Portela de Arega; Manuel Henriques Conceição, Figueiró dos Vinhos; Maria dos Anjos Fernandes Esquina, Mó Grande; João da Condição Costa, Carapinhal; Manuel das Dores Martins, Castanheira de Pera.

Com 1.500\$00 — Srs. António Teixeira, Brejo de Arega; José Neves Moreira, Arrentela; Mário Simões de Jesus, Casal dos Ferreiros; D. Marieta Barros Antunes Prata, Escalos Fundeiros António Nunes Fernandes, Mó Grande.

Com 1.200\$00 — Sr. Fernando Rodrigues, Além da Ribeira.

Com 1.000\$00 — Srs. Fernando da Silva, Freixianda; D. Maria Otilia Fernandes, Mó Grande; Fernando Simões

David, Carvalheira; Etelvino Henriques, Mó Grande; Joaquim Correia, Regadas; António dos Santos, Pedrógão Grande; António Assunção Abreu, Troviscais; Eduardo Lopes da Silva, Vale d'Armunha; Artur Coelho, Escalos do Meio; António Tomás Pinto, Escalos do Meio; José António Fernandes, Carvalhos; José do Carmo Rosa, Adega; José Simões Dias, Escalos Fundeiros; Francisco Simões, Pedrógão Grande; Horácio Fernandes, Mosteiro; Aires Alves Cortês, Pedrógão Grande; Manuel das Neves Henriques, Lomba de Mega; D. Maria do Carmo Neves, Vale do Barco; Rui Marques Fonseca, Barraca; Joaquim Lopes Martinho, Atalaia Cimeira; Manuel dos Santos, Graça; Carlos Alberto Carmo, Pranzel; Roberto Simões Fernandes, Coimbra; Joaquim Francisco, Derreada Cimeira.

Anónimo, 500\$00.

A BÍBLIA E O SACRAMENTO DO MATRIMÓNIO

"Grande Sacramento é este... em Cristo e na Igreja" (Ef.5,32). É esta a expressão — Chave, de profundo significado que S. Paulo emprega para nos falar do matrimónio.

O matrimónio foi e será sempre alguma coisa de grande, Sagrado, uno e indissolúvel porque desde o princípio foi instituído por Deus.

Deus quis condicionar o aparecimento dos homens no mundo à livre vontade dos mesmos homens mediante uma instituição, base e célula fundamental da sociedade — a Família — e quis santificar aquilo que só por si poderia ficar reduzido a um simples contrato humano: o Matrimónio.

O matrimónio é realmente instituição de Deus e não invenção humana. São as primeiras páginas do Génesis (A.T.) que o apregoam e confirmam: "Deus criou o homem à Sua imagem... deu-lhe uma companheira semelhante a ele... criou homem e mulher". (Gen 1, 27-28); abençoou-os e disse-lhes: "Crescei e multiplicai-vos... povoai a terra... e dominai-a" (Gen. 1,27-28); e acrescentou: "o homem deixará pai e mãe para se unir à Sua mulher e os dois serão uma só carne, isto é, um só ser" (Gen. 2, 18, 21-24).

Assim o homem e a mulher se uniram por ordem de Deus, com a Sua aprovação e com a Sua Bênção. Entretanto, com o decorrer dos tempos, os corações perverteram-se; a corrupção e as múltiplas uniões ilegítimas profanaram o casamento.

Veio Jesus Cristo e um dia nas Bodas de Caná realiza o 1.º milagre em favor de uns

noivos: com a sua presença abençoa a cerimónia. A partir deste momento o matrimónio será visto como sinal eficaz de Cristo.

Jesus Cristo confere ao matrimónio o **carácter Sacramental**, isto é, eleva-o à **dignidade de Sacramento**, restitui-lhe a pureza primitiva e o que **até ali era um simples contrato passa a ser um Sacramento**, isto é, um canal de **graças**, uma fonte de abundantes **Bênçãos de Deus**.

E é esta Graça, esta Bênção divina que ainda hoje no matrimónio cristão, Deus concede aos que se casam e que santifica o amor natural dos esposos.

"Aquilo que Deus uniu não o separe o homem".

E a Igreja desde sempre, através dos Concílios (Florença em 1438; Trento em 1545) e no nosso Século (Vaticano II) confirma e concretiza esta mesma ideia: "... pela íntima comunidade de vida e de amor conjugal fundada pelo Criador e dotada de leis próprias... os esposos ficam unidos profundamente a Cristo (G.S. 48)... "cooperam na santificação mútua" (L.Q. 11); "são cooperadores de Deus na Graça e na Fé" (A.A. 11).

E o Código de Direito Canónico, na Sua friez de letra de lei, no canon 1055 resume: "o pacto matrimonial, pelo qual o homem e a mulher constituem entre si a comunhão íntima de toda a vida, ordenada por Sua índole natural ao bem dos cônjuges e à procriação e educação da prole, entre os baptizados foi elevado por Cristo à dignidade de Sacramento. Pelo que entre baptizados não pode haver

contrato matrimonial que não seja, pelo mesmo facto, Sacramento".

Só assim, como dizia S. Paulo "o matrimónio é grande em Cristo e na Igreja" com projecção no bom ambiente familiar onde todos devem viver no amor a Deus e ao próximo.

Na prática: De tudo quanto acima referimos se deduz que as **graças do Sacramento que tornam feliz a vida de Família não se obtém no casamento civil**, mas tão somente no casamento religioso, feito perante o Sacerdote da Igreja, assistente e representante da mesma igreja, testemunha qualificada que abençoa o contrato mútuo dos **noivos em que eles próprios são ministros** — o que só se verifica no Sacramento do Matrimónio — na Sua entrega um ao outro, em ordem à constituição da Família, na unidade e indissolubilidade.

E a terminar este tema tão vasto, eis uma pequena **história de um belo anel!**

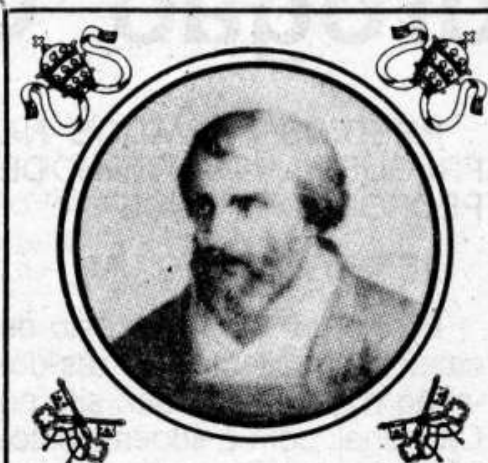
Conta-se que a mãe do Papa Pio X no dia em que o filho foi coroado Papa, ao felicitá-lo entre lágrimas de comoção, e ao de beijar o seu anel pontifício, diz-lhe: "Meu filho, tu não poderias levar no teu dedo esse **anel de ouro**, se a tua pobre mãe não tivesse antes no dedo, este humilde **anel de latão**, de Santo Casamento Cristão!

Que belo anel!

Conclusões!... se um casamento cristão gerou "um Santo", porque é que os nossos casamentos cristãos não "geram" vocações?

P. Arlindo F. Pontes David

Os Papas da Igreja



175 — CELESTINO III

Nasceu em Roma. Eleito a 14.IV.1191, morreu a 8.I.1198. Defendeu a indissolubilidade do matrimónio. Aproveu a criação da Ordem de Cavaleiros Teutónica cujo fim mais importante era defender os peregrinos que iam à Terra Santa.



176 — INOCÊNCIO III

Nasceu em Anagni. Eleito a 22.II.1198, morreu a 16.VII.1216. De grandes qualidades, exerceu forte influência. Restabeleceu a autoridade temporal nos Estados Pontifícios. Promoveu a 4.ª Cruzada. Aproveu a criação das Ordens dos Dominicanos e Franciscanos. Convocou o 12.º Concílio Ecuménico.

Santo Henrique, Imperador

Festeja-se no dia 13 de Julho.

Nasceu a 6 de Maio de 973 morreu a 13 de Julho de 1024.

Por morte do pai, em 995, cingiu a coroa de Duque da bávara. Por morte de Ortão III, foi coroado Imperador do Sacro Império Romano-Germânico.

Notabilizou-se pelo seu zelo em colaborar na reforma da vida da Igreja e na actividade missionária.

Fundou vários bispados e dotou mosteiros. Morreu a 13 de Julho de 1024.

Foi canonizado pelo Papa Eugénio III, em 1146.

Desde a infância amou a virtude da castidade. Ninguém pôde nunca acusá-lo de deslizes neste ponto. Forçado por motivos de Estado a tomar esposa, casou-se com a filha do Conde Palatino, de nome Conegunda. Respeitou-a sempre como companheira, e segundo uma versão muito difundida, guardou perfeita castidade.

Exemplo admirável em dias como os nossos, quando tanto se profana o Santo Matrimónio.

No melhor pano cai a nódoa

Por: António da Rosa

A Piedade, era uma das mais esbeltas raparigas que viviam naquela aldeia. De estatura alta e de corpo e modos muito apurados, era sobretudo, dotada de belos traços fisionómicos, que a caracterizavam ao ponto de atraírem a atenção de muitos rapazes da terra, que a cortejavam para o casamento.

E entre os candidatos a levá-la ao Altar de Deus, figurava o Manel Manco, que embora, não fosse este o seu apelido, assim era conhecido, por coxear um pouco de uma perna, o qual, era no dizer de certas pessoas, o que tinha menos hipóteses de casar com a moça, devido à sua anomalia física e ainda por ser de estatura, notadamente mais baixa do que a dela.

O Manel, vivia assim em grau de inferioridade psicológica, perante os outros pretendentes ao trono conjugal e dificilmente, seria o escolhido por ela, mas pensava com muita esperança, que guardado está o bocado para quem o há-de comer.

Sendo o Manel, possuidor de grande finura astuciosa, que os outros não demonstravam ter, resolveu pôr à prova este seu valor, para conseguir o seu objectivo. Para o efeito, encobriu-se com o manto preto de uma noite sem lua e acercou-se da casa de sua amada, descalçando ao fundo da escada, os tamancos e subiu pela calada, já que estava convencido que a sua presença, não seria detec-

tada, e a sua aventura, seria perfeita, abrindo depois a porta da casa, que só estava na tranqueta, foi deitar-se ao pé do seu tesouro, por quem tantos pelejavam.

Nessa noite, enquanto a moça dormia, caiu-lhe no peito, uma gota de água da chuva, que se transformou num ribeiro, e fez gerar uma criança.

O Manel ganhara a batalha do amor, que só com engenho e arte o conseguiu. Mas o risco aventureiro a que o Manel se submetera, não foi tão perfeito como ele julgava, porque uma vizinha da Piedade, descortinou um vulto a subir essas escadas, que por também coxear, deduziu, tratar-se do Manel e quais as suas intenções, mas guardou o maior segredo, para não manchar a honra da Piedade, e aguardar pelo resultado dos acontecimentos, se chegassem a produzir efeito, de contrário, tudo manteria em silêncio, numa atitude de nobreza. Porém a Piedade, que era alta, como já o disse, teve artes de ocultar durante todo o tempo, o que se começou a gerar no seu ventre. Mas a hora, chegou enfim. E um dia, andava a Piedade, na saca do milho, ao lado de outras camponesas, quando começou a gemer com fortes dores no ventre, que uma das companheiras lhe perguntou assim: O que tens Piedade? E ela lhe

Continua na pág. 4